

Revista Serviço Social em Perspectiva,  
Volume 4, Edição Especial, março de 2020.  
Anais do II Encontro Norte Mineiro de Serviço Social  
<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva>

Comunicação Oral  
Eixo Temático – Lutas de Classes e Movimentos Sociais

**EM NOME DA ORDEM E DO PROGRESSO:** influência da esquerda pós-moderna nos movimentos sociais

**Igor Medeiros Rocha<sup>1</sup>**

**Resumo:** O avançar da história nos leva a pensar sobre o quanto o mundo mudou. Muitas vezes expressam seus anseios por liberdade e igualdade. Assim sendo, este trabalho tem por objetivo refletir sobre a influência que a esquerda pós-moderna exerce sobre os movimentos sociais. Para atingir o objetivo proposto, utiliza-se como metodologia estudos bibliográficos que versam sobre o tema em questão, de modo que, deixe evidente os pressupostos pós-modernos e a sua inclinação em manter a ordem e o progresso em nome do capital.

**Palavras Chaves:** Esquerda Pós-Moderna; Movimentos Sociais; Projeto Societário.

**Resumen:** El avance de la historia nos lleva a pensar en cuánto ha cambiado el mundo. Muchas voces expresan sus anhelos de libertad e igualdad. Por lo tanto, este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre la influencia que la izquierda posmoderna tiene en los movimientos sociales. Para lograr el objetivo propuesto, los estudios bibliográficos que abordan el tema en cuestión se utilizan como metodología, de modo que se evidencian los supuestos posmodernos y su inclinación a mantener el orden y el progreso en nombre del capital.

**Palabras Claves:** Izquierda posmoderna; Movimientos sociales; Proyecto corporativo.

---

<sup>1</sup>Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: igormedeiros23@hotmail.com.

## 1. INTRODUÇÃO

O debate acerca das inúmeras transformações no modo de levar a vida das pessoas é comumente comentado em conversas corriqueiras. Os argumentos estão na nova forma de condução das relações pessoais e sociais no atual contexto histórico, que segundo o que se observa está na fragilidade e liquidez das relações humanas, assim, vive-se o tempo onde nada é durável. São tempos confusos não há como negar, ao dizer essa frase advinda do mundo bruxo encontrada na saga literária de Harry Potter, pode-se adivinhar que assim como na saga, o contexto vivenciado mundialmente tem a mesma característica de avanço prático de uma ideologia de superioridade e intolerância.

Nesse caminho as relações sociais contemporâneas têm os cruéis traços da pós-modernidade, elemento tal, drasticamente excluído das discussões em algumas áreas do conhecimento e mesmo adotadas por outras. A pós-modernidade é a lógica cultural do capitalismo tardio, desse modo, suas ações estão intimamente ligadas ao neoliberalismo e ao raciocínio mercadológico de expropriação de direitos. Sendo assim, atinge diretamente a subjetividade dos seres humanos por meio de plataformas de uso da imagem e dos simulacros, criando um mundo fantasioso, onde a aparência vale muito mais que os fatos reais. Esses fatores implicam a formação de opinião por meio de canais de veiculação de vídeos, músicas, séries e telenovelas, imagens e “memes” e principalmente, por redes sociais – embora esse debate esteja mais em voga tendo em vista as crescentes discussões sobre “fakenews” e como elas são usadas pelo atual governo, tanto agora como no passado em sua ascensão política.

Levando isso em consideração, o que busca-se defender aqui é que a pós-modernidade atinge os sujeitos, fragmentando-os, de modo que suas ações tornem tão mais liberais que emancipatórias. Dessa maneira, na medida que atingem os sujeitos englobam também projetos societários e profissionais moldando os movimentos sociais para exclusão da luta anti-opressão. Portanto, o objetivo apresentado no presente trabalho busca debater sobre os avanços do capitalismo em tempos de barbárie expressando, pontualmente, os rebatimentos da esquerda pós-moderna nos sujeitos sociais e, conseqüentemente nos movimentos sociais.

O debate proposto aqui faz-se extremamente necessário. Os intensos ataques aos movimentos sociais de esquerda, satanizando-os, bem como as suas pautas, são tomados por

meios de discursos contraditórios pregados pelos movimentos sociais de direitas e, de modo geral pelas mídias apoiadoras do capital. Em consequência a esquerda pós-moderna surge para fragmentar os sujeitos e implementar as ideias neoliberais em pautas políticas antes denotada aos movimentos sociais de esquerda, ressaltando assim, a implementação da ordem e essa tão logo trará o progresso prometido pelo capitalismo. Cabe pontuar ainda que o presente estudo fará recurso aos trabalhos de Jameson (1985; 1997), Eagleton (1998), Evangelista (2001, 2002, 2007), Simionatto (2009) para postulações sobre a pós-modernidade e sobre o neoliberalismo. Já para o debate a cerca da ampliação da esquerda pós-moderna e como a mesma afeta os movimentos sociais estará embutidos trabalhos de Wood (2003), Wood e Foster (1999), Fernandes (2018) dentre outros.

## **2. EM NOME DO PROGRESSO: PÓS-MODERNIDADE E A FORMAÇÃO DA ESQUERDA PÓS-MODERNA**

Em nome do progresso o capitalismo viu suas estratégias de exploração dos trabalhadores mudar, isso, pois suas mais intensas crises cíclicas demandam medidas mais rebuscadas para manutenção do poderio de lucratividade. Por esse modo, implementa-se após a crise de superacumulação uma estrutura nova no capitalismo, sendo a resposta do capital à crise estrutural em cena marcada pelo processo de acumulação flexível, no mundo do trabalho, pela reestruturação do capital no âmbito estatal, o neoliberalismo, pela financeirização da economia, por meio da nova lógica de exploração com a mundialização do capital e, por fim, na esfera da cultura, por meio das investidas da lógica cultural do capitalismo tardio, a pós-modernidade.

Dessa maneira, a perspectiva pós-moderna, no campo teórico e político, deve ser analisada dentro do contexto econômico e político no qual ela emergiu, compreendendo, pois o período que marca o esgotamento do ciclo de expansão e vigência do padrão de acumulação fordista e do regime de regulação do Estado de Bem Estar, vindo a se manifestar em uma crise estrutural do capital a partir das três últimas décadas do século XXI.

A crise estrutural sistêmica do sócio metabolismo do capitalismo tem como elemento constitutivo, segundo Antunes (1999), a intensificação da competição internacional, elementos como a existência de capacidade ociosa nos setores produtivos, no excesso de produção, na queda das vendas e produtividade e, conseqüentemente, lucratividade, nos

Revista Serviço Social em Perspectiva,  
Volume 4, Edição Especial, março de 2020.

Anais do II Encontro Norte Mineiro de Serviço Social

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva>

efeitos da crise do petróleo. De acordo com Duriguetto (2009) a resposta capitalista à sua própria crise foi a ofensiva do capital e do Estado com mecanismos para retomar a acumulação.

Assim, as décadas subsequentes vivenciaram um conturbado momento de reestruturação econômica, reajustamento social e político, gerando, o que Harvey (2005) chamou por acumulação flexível. Ela tem como fenômeno a flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Em consequência, o aumento da flexibilização permite pressões mais fortes de controle de trabalho, contratos de trabalhos mais flexíveis, além de demandar altos índices de desemprego, redução dos salários e retrocessos nos direitos e no poder sindical (HARVEY, 2005).

Nesse sentido, a acumulação flexível que materializada na reestruturação produtiva e se revela pela “desregulamentação e flexibilização do processo produtivo, levando à precarização das condições de trabalho e emprego, ao combate à legislação trabalhista e à redução do poder sindical” (DURIGUETTO, 2009, p. 02). As transformações no mundo do trabalho passam a ser sustentadas em um novo padrão material de regulação social, ou seja, o projeto neoliberal. Nessa agenda, tem a implementação de políticas direcionadas para a “retração (ideológica)” da intervenção Estatal na economia, bem como em gastos públicos com políticas sociais como mecanismos de combate a crise instaurada (ANTUNES, 1999; DURIGUETTO, 2009).

Deve-se deixar evidente que tanto a acumulação flexível e o neoliberalismo, conforme dito por Duriguetto (2009) precisam ser analisadas levando em consideração a crise dos dois projetos societários, o social-democrata e o socialismo real. Já que a crise desses projetos leva os neoliberais a desenvolverem uma cultura política que compactua com a nova ordem do capital, desqualificando o significado histórico de democratização do capital e de socialização da riqueza socialmente produzida. Sendo essa, a influência essencial do legado pós-moderno nas pautas políticas dos movimentos sociais, ou seja, “a visão de mundo pós-moderna é também uma ofensiva ideológica e cultural do capitalismo contemporâneo” (DURIGUETTO, 2009, p. 02).

Partindo do argumento desenhado desenvolve-se a partir de então alguns fundamentos teóricos e políticos acerca da pós-modernidade. Sendo assim, cabe dizer que, o movimento sociopolítico conhecido como pós-modernidade surge em contraponto à

Revista Serviço Social em Perspectiva,  
Volume 4, Edição Especial, março de 2020.

Anais do II Encontro Norte Mineiro de Serviço Social

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva>

modernidade. Conforme Jameson (1985; 1997), a pós-modernidade não passa de uma mera continuidade do modo de produção capitalista, sendo, portanto, sua lógica cultural. Dessa forma ela compreende um mundo efêmero e descentralizado, da tecnologia, do consumismo e da indústria têxtil, nesse contexto, as indústrias de serviços, finanças e informações substituem a produção tradicional.

A pós-modernidade, pode ser entendida, como uma linha de pensamento que “questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso, emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definidos de explicação” (EAGLETON, 1998, p. 07). Assim, a sociedade não é mais controlada por um aspecto que dê a ela força e significado, mas existe somente um fluxo aleatório cuja direção aponta para aceitação do capitalismo, e que perpassa todos os setores da sociedade resultado em uma condição pós-moderna de fragmentação. Desse modo, ao se analisar essa condição, entendeu-se que a hegemonia do ideário neoliberal acentuou a forma como o mercado tornou-se a instância regulatória das demandas econômicas e sociais (EVANGELISTA, 2001).

Enquanto ideia, a pós-modernidade, propõe-se a pensar o mundo e explicar os acontecimentos de forma mais segmentada e flexível, abandonando a totalidade dos fatos. As interpretações do pensamento pós-moderno, segundo Simionatto (2009, p. 7), “ao negar o percurso da análise que caminha da parte para o todo, do singular ao universal, da aparência a essência, do objetivo ao subjetivo, e vice-versa”, volta-se para uma “visão distorcida do real, apanhado apenas em sua manifestação imediata”. No mesmo caminho Evangelista (2002) pontua que o pensamento pós-moderno posiciona-se favorável à valorização da linguagem e a ausência de verdade, entendendo a verdade a partir das ilusões que cada indivíduo possui.

Ofim da razão moderna enquanto compreensão e explicação dos fenômenos do mundo, anunciada pelos pensadores pós-modernos, demonstra que a ciência pós-moderna rejeita as grandes narrativas, não importando se são “uma meta narrativa de especulação ou de emancipação, na medida em que todas elas afirmavam atingir a verdade e se propunham a oferecer um relato universal e totalizante da história das sociedades” (ALMEIDA, 2003, p. 102). Em vista disso, a defesa do fim da história pelos pensadores pós-modernos, faz com que os processos sociais não sejam compreendidos dentro de uma análise histórica. Com isso, a substituição da esfera do mediato pela esfera do imediato implica na construção de pequenas

Revista Serviço Social em Perspectiva,  
Volume 4, Edição Especial, março de 2020.

Anais do II Encontro Norte Mineiro de Serviço Social

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva>

lutas, fragmentadas, sem uma base que as unifica e concomitantes estratégias fragmentadas (WOOD, 1999; SIMIONATTO, 2009; PARREIRA, 2017).

Nesse contexto, as lutas cotidianas ganham uma relevância fundamental nunca antes observada, uma vez que se centra na diferença das relações de poder. Com base nisso, Wood e Foster (1999) atribui o termo “esquerda pós-moderna” de modo a abranger uma vasta gama de tendências intelectuais e políticas que ganhou forma nos anos recentes, incluindo aí o pós-marxismo e o pós-estruturalismo. Para essa esquerda, movida pela pós-modernidade, gestos e proclamações são vistas como suficientes para fazer política, promovendo, nesse aspecto, um reducionismo ao fazer discurso principalmente, pois, o culto à sociedade civil e aos direitos individuais, resultam em análises onde o discurso individual é visto como verdade universal.

Desse modo, Wood (2003) afirma que os novos modos de interpretação, romperam com as discussões de classe e propagaram-se movimentos sociais baseados em outras identidades e com outras expressões, movimentos relacionados à raça, ao gênero, à etnicidade, à sexualidade. Ao mesmo tempo, “esses acontecimentos ampliaram erroneamente as oportunidades de escolhas individuais, tanto nos padrões de consumo como um dos estilos de vida” (WOOD, 2003, p. 220). Para autora, a esquerda deve construir uma política que seja baseada na diversidade e diferença sobre a argumentação do que ficou conhecido como a expansão desses debates na sociedade civil. Bem como, celebrar a diferença reconhecendo a pluralidade das formas de expressão ou dominação, além de discernir sobre a multiplicidade das lutas emancipatórias reagindo sobre ela a partir conceitos complexos de igualdade que reconheça todas as necessidades e experiências dos sujeitos sociais.

A autora Ellen Wood (1999) diz que não se pode pensar as diferenças entre os seres humanos, desconsiderando as diferenças de classe, a exploração e a dominação promovidas pelo modo de produção capitalista. Nesse sentido, “a diferença que define uma classe como identidade é, por definição, uma relação de desigualdade e poder, de uma forma que não é necessariamente a das “diferenças” sexual ou cultural” (WOOD, 2003, p. 221).

Diante do que foi exposto, entende-se que a influência da pós-modernidade nos partidos e pautas de esquerda forma a esquerda dita pós-moderna, que dentre outros arranjos, desconsidera a crítica a estrutura do capitalismo em detrimento de pautas específicas. Ora, a desvinculação da crítica à ordem de exploração capitalista das pautas ligadas a gênero, raça, etnia e ademais, cria uma perspectiva de morte da esquerda e a



Revista Serviço Social em Perspectiva,  
Volume 4, Edição Especial, março de 2020.  
Anais do II Encontro Norte Mineiro de Serviço Social  
<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva>

ampliação de lutas segmentadas em nome do neoliberalismo cujos resquícios estão sendo buscado em programas de partidos “isentões” que pensam o progresso do capital como forma de promover o bem estar coletivo, como por exemplo, os desenvolvimentistas ou progressistas e suas concepções de reativação do capitalismo agora recheados de pautas anti-opressões com viés liberal.

### **3. EM NOME DA ORDEM: ESQUERDA PÓS-MODERNA E AS LIMITAÇÕES IMPOSTAS AOS MOVIMENTOS SOCIAIS**

Em nome da ordem o que se propôs a pensar a partir da influência que a esquerda pós-moderna têm sobre os movimentos sociais é que ao fragmentar os movimentos sociais e separar suas pautas por áreas de gênero e identidade ou raça, etnia e ainda, descolada das outras, as discussões de classe, à esquerda pós-moderna faz com que cada movimento social, agora dividido por pauta, inclua outras totalmente liberais, perdendo, desse modo, sua capacidade de crítica ao capitalismo e de luta anti-opressão (FERNANDES, 2018).

Segundo Eagleton (1998), a luta política da pós-modernidade passou a exaltar questões relacionadas à sexualidade, gênero e etnicidade e, por outro lado, porém, fragilizou os conceitos ligados à classe, ou a crítica ao modo político-econômico que opera o capitalismo. Dessa forma, vale destacar que a política pós-moderna possui compatibilidades com o neoliberalismo, uma vez que ressalta que “o direito a diferença é fundamental nas lutas e reivindicações étnicas e sexuais do multiculturalismo pós-moderno” (EVAGELISTA, 2001, p. 729), ou seja, nota-se que as pautas políticas da pós-modernidade retira dos sujeitos sua luta por liberdade e igualdade, ou dentro do caráter liberal, transforma a diferença em algo complementar a indiferença neoliberal.

Quando os partidos políticos e os sindicatos de representação operária são duramente combatidos pela política pós-moderna, movidos principalmente pela falta de participação das massas, que agora tem suas defesas centrais fragmentadas, as mudanças que dependem das instituições políticas não são mais esperadas.

Nesse momento, os novos movimentos sociais ganham voz e, conforme Evangelista (2001, p. 729), “as classes sociais e as lutas de classes teriam sido deslocadas como suporte estrutural da política e do poder de Estado. Surgem em seu lugar os novos movimentos

Revista Serviço Social em Perspectiva,  
Volume 4, Edição Especial, março de 2020.

Anais do II Encontro Norte Mineiro de Serviço Social

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva>

sociais”; todavia, os novos atores políticos não possuem uma origem estrutural nas relações sociais, menos ainda, nas relações de produção.

Os Novos Movimentos Sociais surgem em meados da década de 1960 em um contexto repleto por ditaduras militares e processos revolucionários, sendo considerada uma alternativa aos movimentos classistas tradicionais. Alternativa de contestação aos movimentos tradicionais já que eles concentravam suas lutas relacionadas ao processo produtivo, limitando-se a esfera salarial sem articulá-la com as relações sociais no interior de uma sociedade capitalista (MONTAÑO, DURIGUETTO; 2011). Para os pós-modernos, de acordo com Duriguetto (2009, p. 05), “as sociedades contemporâneas, altamente diferenciadas, não possibilitam mais aquelas formas de identificação tradicional, como a de classe, que motivou os movimentos sociais e políticos do séc XIX e início do séc XX”. Com a substituição da identidade de classe, enquanto identidade unificadora dos movimentos sociais, as pautas foram se fragmentando, pluralizando e se reestruturando a partir de outros referenciais de interesses. Ou seja, “interesses universais e de classe são substituídos por objetivos grupais específicos e localistas dos novos movimentos sociais” (DURIGUETTO, 2009, p. 05).

De acordo com Montañó e Duriguetto (2010) os Novos Movimentos Sociais envolvem pelos menos três vertentes políticas diferentes. Sendo, portanto, a vertente da teoria “acionalista”, o grupo constituído pela esquerda pós-moderna e por fim, o grupo formado por marxistas, que não identificava com a política stalinista, buscava integrar as demandas dos novos movimentos sociais, realizadas fora do mundo da produção, às lutas revolucionárias.

Nos rumos políticos, a pós-modernidade, promove uma ignorância em relação às tradições socialistas, por isso surge os segmentos pós-moderno de esquerda, onde as pautas de classe não se constituem, junto a gênero e raça, como categorias que juntas devam promover a luta pelo fim das opressões, conseqüentemente também das opressões estruturais de classe. Por esse, motivo, a pós-modernidade promove a grande exacerbação das lutas anti-opressão. Porém, o enfoque dado para as lutas envolvendo sujeitos sociais e suas diferentes subjetividades são chamadas por pautas identitárias. Entretanto, esse termo denota aos anos de 1970 nos EUA e, estava ligado ao movimento feminista e sua relação entrecruzada com as lutas de classes. Posteriormente, esses movimentos foram empregando-se por pautas caracteristicamente do movimento burguês liberal.



Revista Serviço Social em Perspectiva,  
Volume 4, Edição Especial, março de 2020.  
Anais do II Encontro Norte Mineiro de Serviço Social  
<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva>

Desse modo, ocorreu uma desvinculação das lutas identitárias com a luta de classe, em prol, sobretudo, do ensejo das grandes corporações e meios de comunicações para que discussões em torno das desigualdades entre classe estivessem apagadas pelos recentes movimentos de massa a favor da luta por direitos. O problema disso é que as críticas promovidas por esses movimentos estão fragmentadas ao ponto de olhar a sociedade como algo sem perspectiva histórica, antes disso, somente no momento presente, reforçando nesse caso que argumentos liberais sejam inseridos nesses movimentos, e os sujeitos políticos fazem essas defesas porque está dessubstancializado, não reconhecendo suas próprias identidades, atuando como marionetes em defesa de pautas que pregam a sua própria resignação (EVANGELISTA, 2001). Desse modo, o identitarismo pós-moderno faz com que a esquerda cultural naturalize todo poder do capital, aceitando-o como estrutura indestrutível.

A desvinculação entre as pautas de gênero, raça, etnia e classe resulta em políticas de satanização, conforme postulado por Gomes (2018), em que determinados grupos compartilham aspectos da identidade e uma culpabilização dos sujeitos ditos como privilegiados já que eles fogem à regra daqueles baseados em cor, sexo, orientação sexual, etnia, em deficiências, dialetos, origem geográfica, identidade de gênero.

Levando em consideração as postulações acima, deve-se ressaltar que ao desenvolver uma crítica a esquerda pós-moderna e suas estratégias de manipulação ideológica não tem-se pretensão aqui deslegitimar a luta-anti opressão e suas pautas. Pelo contrario, as pautas levantadas pelos novos movimentos sociais são legítimas, entretanto, estão sendo usadas para manter a ordem do capital. Isto pois, as lutas fragmentadas não tem pretensão e força para pautar uma nova ordem alternativa ao capitalismo. Sobre isso, Parreira (2017, p.13) reflete que os novos movimentos sociais “possuem sua importância, pois trazem como questionamentos o debate sobre gênero, orientação sexual, raça, o que são tidos “como novos” e que lutam por visibilidade política e pública”. No entanto, a autora afirma “que apenas essa visibilidade não é suficiente, sendo necessário articular essas lutas com a luta do proletariado e pautá-las pela defesa de uma sociedade anticapitalista” (PARREIRA, 2017, p. p. 13). A respeito disso, Wood (2003, p. 224-225) ressalta: “o projeto socialista deve ser enriquecido com os recursos e as ideias dos ‘novos movimentos sociais’ (...) e não empobrecidos pelo uso desses recursos e ideias como desculpa para desintegrar a resistência ao capitalismo”. Por esse motivo, continua a autora, não deve-se

Revista Serviço Social em Perspectiva,  
Volume 4, Edição Especial, março de 2020.

Anais do II Encontro Norte Mineiro de Serviço Social

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva>

confundir respeito pela pluralidade da experiência humana e das lutas sociais com a dissolução completa da causalidade histórica, em que nada existe além de diversidade, diferença e contingência, nenhuma estrutura unificadora, nenhuma lógica de processo, em que não existe o capitalismo e, portanto, nem a sua negação, nenhum projeto de emancipação humana (WOOD, 2003, p. 224-225).

Assim sendo, esse contexto ensejou uma esquerda influenciada pelo pensamento pós-moderno e pelo liberalismo, mantendo um indecifrável silêncio diante do modo de produção capitalista. Embora, é importante destacar que a esquerda deve-se apropriar não só dos argumentos de classe como também da luta anti-opressão, para que a direita não às incorpore deslegitimando a própria esquerda posteriormente. Por fim, ao descartar a totalidade e por consequência a crítica ao capitalismo, a pós-modernidade incorpora o fim da história sendo ela própria arma usada pelo capitalismo, por meio do campo cultural e de mercado, renegando qualquer metanarrativas que promovam possibilidade de superação da ordem burguesa.

Por esse motivo, os movimentos sociais acabam incorporando pautas fragmentadas e deixam a articulação a nível macro de lado, assim, as minorias políticas e sociais passam a sofrer com cortes em direitos sociais, que atingem não somente a classe trabalhadora, mas aqueles que lutam por igualdade racial, de gênero, étnica e demais. Pode-se dizer que a esquerda pós-moderna, em nome da ordem capitalista, usurpam das pautas anti-opressão segmentando os sujeitos políticos em lutas identitárias, onde cada opressão parece ser mais grave que a outra, criando hierarquias de luta, sem críticas ao capitalismo, tão somente enaltecendo seus valores individuais e discriminatórios.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do que foi exposto até aqui, cabe ressaltar que entendimento das postulações teóricas e políticas pós-modernas apenas pode ser desvelado quando entendidos a partir da crise do capital e da sua ofensiva, que tem na acumulação flexível e no projeto neoliberal sua base material e ideológica. Conforme dito por Duriguetto (2009, p. 07) o pensamento pós-moderno “é altamente funcional por abandonar a crítica teórica e a ação política contra o capitalismo”.

A teoria pós-moderna é o mecanismo cultural que o capitalismo criou para sustentar seu poderio diante de diversas crises estruturais que o acomete com frequência. Assim,

Revista Serviço Social em Perspectiva,  
Volume 4, Edição Especial, março de 2020.

Anais do II Encontro Norte Mineiro de Serviço Social

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva>

pretende a pós-modernidade propagar estratégias que demonstre o fim da história, desconsiderando as grandes narrativas e impondo verdades individuais, onde não exista totalidade dos fatos. Nesse sentido, aliados ao neoliberalismo e a acumulação flexível do mundo do trabalho, a pós-modernidade também não propõe alternativa a ordem atual do capitalismo.

Os movimentos sociais devem unir suas forças e lutar pelo fim da exploração capitalista. Além disso, devem negar as tendências pós-modernas de fragmentação, reiterando a totalidade dos fatos, observando-os sobre sua verdadeira essência, pois somente dessa forma, que as tendências liberais não incorporarão dentro das pautas de esquerda. Isto pois, o pensamento pós-moderno, está em sintonia com a tese dos neoconservadores de que o capitalismo é um estágio insuperável da história (DURIGUETTO, 2009).

Nesse sentido, a pós-modernidade detém influencia sobre os movimentos sociais através da esquerda pós-moderna, tendo como consequências, a sua aceitação do fragmentário, do efêmero, do instantâneo, do descontínuo, do caótico e a deslegitimação das metanarrativas. Portanto, pode-se afirmar que em nome da ordem e do progresso e da vida longa ao capitalismo, a esquerda pós-moderna fragmenta e deixa os indivíduos sem luz crítica, tendo em vista a sua negação da totalidade e de aspectos críticos ligado as grandes narrativas, por esse motivo, os movimentos sociais estão fragmentados por particularidade de expressão e suas lutas passam a ser cotidianas e sem críticas a estrutura do capital.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, E. T. V. d. Modernidade e Pós-modernidade: Crise e Conservadorismo. In: **Libertas/** Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Serviço Social, v.2, n.2 jul/dez/2002- v.3, n.1 e n.2 jan/dez/2003. Juiz de Fora, 2003. Págs. 97 a 114.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

BIHR, A. Da grande noite a alternativa: o movimento operário europeu em crise. Boitempo Editorial, 2.ed. 1999.

DURIGUETTO, M. L.. O olhar pós-moderno dos Novos Movimentos Sociais. In: **XIX Seminário Latinoamericano de Escuelas de Trabajo Social**, 2009, Guayaquil - Equador. El Trabajo Social en Iacoyunturalatinoamericana: desafíos para su formación, articulación y acción profesional, 2009.

EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

Revista Serviço Social em Perspectiva,  
Volume 4, Edição Especial, março de 2020.  
Anais do II Encontro Norte Mineiro de Serviço Social  
<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva>

EVANGELISTA, J. E. **A crise do marxismo e o irracionalismo pós-moderno**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Teoria social pós-moderna**. Porto Alegre, Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. Neoliberalismo e pós-modernismo: algumas relações nem sempre óbvias. In.: GICO, V. D. V; LINDOSO, J. A. S; SOBRINHO, P. V. C. (Org.). **As ciências sociais: desafios do milênio**. Edurn. Natal, 2001, p. 718-733.

FERNANDES, S. **Tem que acabar o Identitarismo? (parte 1)**. Plataforma Youtube – Canal Treze Onze. Dez/2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4b3StHWY1ms>>. Acesso em: 24 mai. 2019.

\_\_\_\_\_. **Quem é esquerda pós-moderna, ein?**. Plataforma Youtube – Canal Treze Onze. Set/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lyhADZjmJwg>>. Acesso em: 24 mai. 2019.

GOMES, W. **A esquerda identitária e a satanização da maioria**. Revista Cult: São Paulo, 2018. Disponível em: <[encurtador.com.br/pwB67](http://encurtador.com.br/pwB67)>. Acesso em: 18/08/2019.

JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. Pós-modernidade e sociedade de consumo. In.: **Novos Estudos CEBRAP**, nº 12, São Paulo, junho de 1985.

MONTAÑO, C; DURIGUETTO, M.L. **Estado, Classe e Movimento Social**. 3ª ed - São Paulo: Cortez (Biblioteca básica de serviço social; v.5), 2011.

PARREIRA, J. A. Novos movimentos sociais e as premissas pós-modernas. In: **VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas '1917-2017': um século de reforma e revolução**, 2017, São Luís-Maranhão. VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2017.

SIMIONATTO, I. As expressões ideoculturais da crise capitalista na atualidade e sua influência teórico-política capital. In: **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília-DF: CFESS, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2Ud6cZC>> Acesso: 11/03/2018.

WOOD, E. M; FOSTER, J. B. **Em defesa da história: marxismo e pós-modernidade**. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

WOOD, E. M. **Em defesa da história: o marxismo e a agenda pós-moderna**. In.: **Crítica Marxista**, São Paulo: Brasiliense, v.1. n.3, 1996, p. 118-127.

\_\_\_\_\_. **Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico**. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Editora Boitempo, 2003.